

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

DIONARA SILVA MAFFIOLETTI

CULTURA POPULAR E O ENSINO DA ARTE

CRICIÚMA

2023

DIONARA SILVA MAFFIOLETTI

CULTURA POPULAR E O ENSINO DA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof.^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva

CRICIÚMA

2023

DIONARA SILVA MAFFIOLETTI

CULTURA POPULAR E O ENSINO DA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 21 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Silemar M. de M. da Silva - Mestre -
(Unesc) - Orientadora

Prof. Me. Mikael Mizieski - Mestre - (FURB)

Prof. Dr. Luiz Gustavo Bieberbach - Doutor - (UFSC)

Dedico esse trabalho aos grandes amores da
minha vida, minhas filhas Diovana e Larissa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente às três pessoas que já não estão nesse plano espiritual, mas certamente me acompanham e foram essenciais para a retomada de meus estudos, sendo elas minha tia, Édila Renata Ilha Silva, que mesmo estando entre a vida e a morte me fez prometer que voltaria a estudar, minha avó, Soeli Ilha Silva, que sempre cobrou de forma carinhosa minha foto de formatura junto às fotografias da família e ao meu querido e amado tio, Sérvulo Airton Ilha Silva (Casca), que me serve como exemplo e inspiração, mostrando-me que não existe uma idade para realizar uma graduação, deixando claro que não seria fácil, mas que iria valer a pena.

Sou grata aos meus pais, Carlos Alberto Maffioletti e Dark Rejane Maffioletti, que me educaram e me ensinaram a não me curvar sobre as adversidades da vida, sendo os meus grandes heróis.

Sou grata às secretárias do curso, Franciele Bock e Eliana Ferreira, para quem sempre solicitava ajuda e estavam sempre dispostas.

Agradeço aos meus avaliadores da banca, por aceitarem o convite e contribuírem para essa pesquisa.

Em especial, dedico esse trabalho de conclusão de curso ao meu esposo Carlos Lorensi e para as minhas filhas, Diovana Lorensi e Larissa Lorensi, apoiarem, incentivar e compreender minha ausência nesse período.

E por fim, o meu mais puro agradecimento a minha orientadora, Silemar Maria de Medeiros da Silva, por acreditar no meu trabalho e compartilhar de forma generosa seus conhecimentos.

“Não se trata de destruir, mas de religar”.

Edgar Morin

RESUMO

Seguindo a linha de pesquisa em Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Unesc, essa pesquisa tem como objetivo ampliar olhares sobre a relação da cultura popular, em específico às lendas urbanas e ao papel da escola na formação dos sujeitos, a partir das falas dos alunos que participam do Projeto Lendas Urbanas, um projeto de extensão em parceria com a Unesc. Assume o desafio de contextualizar as práticas vivenciadas em diálogo com Morin (2015), Laraia (2014), Certeau (2008), DCNem (2020), CBTCem (2020), BNCC (2018) e, entre outros, Fazenda (2002), além da LDB 9394/96 que regem a educação brasileira. A pesquisa de campo contou com a participação de 8 alunos e 2 professoras em entrevista semiestruturada. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica e cunho qualitativo. Sendo assim, dentro do tema: Cultura Popular e Lendas Urbanas, é contemplado como problema de pesquisa: O que dizem os alunos do Ensino Médio da Escola E.E.B Princesa Isabel sobre o Projeto de extensão chamado Lendas Urbanas e se esse dizer contempla os direitos de aprendizagem trazidos pelos documentos que norteiam a educação brasileira. A partir das reflexões e análise das entrevistas, foi desenvolvido um projeto de extensão no qual é proposto estudos e reflexões para a cidade de Sangão, acerca da cultura popular de forma interdisciplinar com base nos direitos de aprendizagem trazidos pelos documentos que norteiam a educação brasileira.

Palavras-chave: Cultura Popular; Lendas Urbanas; Novo Ensino Médio; Ensino da Arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Semana Farroupilha década 1980	18
Figura 2- Eleição Bruxólica De Franklin Cascaes	21
Figura 3- E.E.B Princesa Isabel: um encontro na UNESC	22
Figura 4- Grupo de alunos produzindo personagens	24
Figura 5- Alinhavando a Interdisciplinaridade	26
Figura 6 - Atenção às Lendas Urbanas	27
Figura 7- Teatro de sombra	28
Figura 8- Produzindo fuxicos	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art	Artigo
ACT	Admissão de Professores em Caráter Temporário
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
SC	Santa Catarina
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
DCNEB	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação
DCNem	Diretrizes Curriculares do Ensino Médio
CTBCem	Currículo Base do Território Catarinense do Ensino Médio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 QUESTÕES METODOLÓGICAS	11
1.2 CAPÍTULO POR CAPÍTULO: COM QUEM DIALOGAR	14
2 CULTURA POPULAR E LENDAS URBANAS: ALGUMAS REFLEXÕES	16
2.1 NEM MAIS, NEM MENOS, APENAS DIFERENTE	17
2.2 QUEM FOI FRANKLIN CASCAES?	20
3 DIÁLOGO COM A INTERDISCIPLINARIDADE NO NOVO ENSINO MÉDIO	23
4 O ENSINO DA ARTE E AS TRILHAS COM O PROJETO LENDAS URBANAS	27
5 O QUE DIZEM OS ALUNOS? UMA ANÁLISE BRUXÓLICA	32
6 CONCLUSÃO	39
7 PROPOSTA DE CURSO: PROJETO INTERDISCIPLINAR	42
REFERÊNCIAS	46
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA....	49

1 INTRODUÇÃO

Ao colocar no papel a estrutura do Trabalho de Conclusão de Curso, já estava decidida em trabalhar Cultura Popular/Lendas Urbanas a partir das obras do artista Franklin Cascaes com os alunos do fundamental, pois desde que comecei a atuar como professora, percebi que os livros didáticos ou os apostilados raramente contemplam a cultura popular regional de Santa Catarina, dando ênfase principalmente aos períodos clássicos da Arte ou da cultura de outras regiões.

O fato é que muitas vezes me pergunto, neste contexto, onde está a valorização da nossa cultura e de nossos artistas, me levando a questionar sobre o modelo educacional vigente. Falo da questão do pertencimento. Sei que a cultura é ampla e não é estanque, mas acredito que ampliar o olhar sobre ela a partir do nosso lugar de origem é uma maneira de nos sentirmos pertencentes a esse lugar.

Atuando desde 2022 na rede municipal da cidade de Sangão-SC, ainda como ACT, senti dificuldade em trazer temas relacionados à cultura popular, principalmente quando estas evidenciam crenças e lendas. Este foi um dos motivos que provocou o tema desta pesquisa. Talvez todas essas indagações me façam refletir de que forma uma aula de Artes pode ser transformadora e instigante, mas, principalmente, que favoreça aos alunos um protagonismo, considerando sua aproximação com a cultura popular e artistas do seu contexto.

Acredito em uma educação pública de qualidade e que não se descola da ideia de que os alunos devem participar das escolhas dos conteúdos. A partir das orientações, decidi, junto com minha orientadora, que esta pesquisa se dará com alunos do ensino médio, após tomar conhecimento de que foi aprovado recentemente na instituição Unesc um projeto de extensão chamado “Lendas Urbanas” com uma escola próxima à instituição e que seria desenvolvido com uma turma de ensino médio.

Sendo assim, dentro do tema: Cultura Popular e Lendas Urbanas, contemplo como problema de pesquisa: O que dizem os alunos do Ensino Médio da Escola E.E.B Princesa Isabel sobre o Projeto de extensão “Lendas Urbanas?” E se esse dizer contempla os direitos de aprendizagem trazidos pelos documentos que norteiam a educação brasileira.

Com o desafio de melhor saber sobre a cultura popular passada de geração em geração, trazendo as lendas urbanas como novas oportunidades para desenvolver o protagonismo dos alunos e sua valorização cultural. Vou traçando os objetivos desta pesquisa, ou seja: ampliar olhares sobre a relação da cultura popular, em específico as lendas urbanas e o papel da escola na formação dos sujeitos, a partir das falas dos alunos que participam do Projeto Lendas Urbanas, um projeto de extensão em parceria com a Unesc.

1.1 QUESTÕES METODOLÓGICAS

A presente investigação se insere na linha de pesquisa em Educação e Arte, do curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). Caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, contemplando a cientificidade com embasamento teórico pertinente ao tema proposto. A pesquisa bibliográfica se caracteriza como uma pesquisa:

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54).

A análise dos documentos que norteiam a educação brasileira foi uma ação necessária, uma vez que proponho contemplar os direitos de aprendizagem dos alunos, sobretudo ao que se refere à cultura popular. Os documentos analisados são a Base Nacional Comum Curricular - BNCC e o Currículo Base do Território Catarinense, além das Diretrizes Curriculares do Ensino Médio. Com foco nas lendas urbanas, em específico, as reflexões aqui presentes, contemplam o papel das aulas de Artes na contemporaneidade.

Além de bibliográfica, faz-se, ainda, de natureza básica com abordagem qualitativa, em um nível que não pode ser quantificado. A presente pesquisa comunga com o dizer de Minayo (2002, p. 21), quando o mesmo classifica a pesquisa qualitativa como um campo que:

Responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte e realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Somamos a esse percurso de metodologia ainda como uma pesquisa exploratória. Nesse sentido, o caminho metodológico contempla falas dos alunos sobre o Projeto Lendas Urbanas em parceria com a Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, compreendendo a importância da difusão da cultura popular na escola. Para Gil (2002, p. 45), a pesquisa exploratória:

Visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso.

O projeto de extensão Lendas Urbanas foi movendo o desejo desta investigação. Mas o que é o Projeto?

O projeto “Lendas Urbanas: A Cultura Popular na Sala de Aula” se insere na linha de extensão do Edital nº 514/2022, que busca junto à comunidade resgatar e difundir a cultura popular, desenvolvendo através da extensão universitária e a Escola Estadual de Educação Básica Princesa Isabel – Morro da Fumaça/SC uma ação integradora para resgatar as tradições populares que havia se perdido com o tempo na comunidade.

O encantamento sobre as questões que são evidenciadas nesse projeto me trouxe o desejo de melhor conhecê-lo e de ampliar os olhares sobre como os alunos veem esse trabalho na escola. Muitas perguntas foram surgindo e em função disso foi necessário traçar um caminho para que fosse possível o desenvolvimento da pesquisa que tem como foco a cultura popular na escola. Aponto o passo a passo deste desafio:

1. Tomei conhecimento do projeto com minha orientadora e fiz uma leitura cuidadosa do mesmo e as possíveis conexões com as minhas inquietações já

evidenciadas anteriormente, pois a cultura popular na sala de aula foi o tema que trouxe para o meu trabalho de conclusão de curso.

2. Com interesse no projeto e antecipando o envolvimento dos alunos em entrevistas não estruturadas, encaminhamos uma autorização para a escola para que fosse possível, no encontro pré-agendado para o dia 28 de agosto, conversar com os alunos e professores envolvidos, coletar dados e definir sua participação na pesquisa.

3. No dia 28 de agosto de 2023, me aproximei dos alunos no encontro realizado na Unesc, entre o Projeto de Extensão Lendas Urbanas e os alunos da escola E.E.B Princesa Isabel. Antes de iniciar as atividades, recolhi os termos de autorização que tinham sido encaminhados pela escola aos pais e responsáveis pelos alunos autorizando seus depoimentos e as possíveis imagens anexadas neste TCC. Foram 20 autorizações entregues neste dia, e mais um aluno que enviou posteriormente, pois não participou neste dia e fez questão de participar da pesquisa. As duas professoras que se fizeram presentes, da mesma forma, foram recolhidas as autorizações assinadas para a análise das falas, bem como o uso das suas respectivas imagens.

4. Foi realizado, posteriormente, as entrevistas com os alunos e as professoras, para fins de registro acadêmico e de pesquisa, aconteceram por gravação de áudio, gravadas por celular, onde participaram oito alunos e duas professoras responsáveis pelo projeto interdisciplinar da E.E.B Princesa Isabel.

5. Os registros fotográficos foram realizados durante o encontro do dia 28 de agosto, com o equipamento fotográfico e não sofreram efeito de edição.

6. Além das entrevistas no dia 28 de agosto, foi marcado uma visita até a escola para que fosse possível ampliarmos a conversa com os alunos e professoras.

7. As entrevistas deram-se de maneira informal no dia 19 de setembro na escola E.E.B Princesa Isabel, sem um roteiro estabelecido, mas tendo como foco principal a cultura popular, as lendas urbanas e o projeto de extensão.

8. As pesquisas foram transcritas do dia 12 de outubro e análise relacionadas com os documentos norteadores da educação brasileira.

9. A conclusão desta aconteceu no dia 23 de outubro, dia do meu aniversário, servindo de presente para o meu aprendizado e amadurecimento sobre a importância da cultura popular, em especial as lendas no ambiente escolar.

10. O projeto foi idealizado com base nas Leis nº 9.394/1996 e 13415/2017 e nos resultados investigativos dessa pesquisa e, principalmente, nos relatos dos estudantes.

Além do percurso da pesquisa exploratória, encontro na pesquisa de campo algumas características para justificar esse percurso metodológico, pois comungo com Gonsalves (2001, p. 67) quando diz que:

[...]a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

1.2 CAPÍTULO POR CAPÍTULO: COM QUEM DIALOGAR

No primeiro capítulo, chamado introdução, justifiquei os motivos e as inquietações que me trouxeram a essa pesquisa, como também para alcançar meus objetivos, entrelaçando a metodologia da pesquisa com o olhar de quem se encanta a cada descoberta. Para esse diálogo, Minayo (2002), Gil (2002), Gonsalves (2001) e Prodanov; Freitas (2013), foram pesquisadores referenciados.

Cultura Popular e Lendas Urbanas: Algumas Reflexões? É o que evidencio no segundo capítulo, no qual estabeleço um diálogo sobre a educação atual e indagações sobre o papel da escola. O diálogo teórico vai sendo construído a partir de referências como a do professor e filósofo Edgar Morin (2015), amparada no documento norteador BNCC (2018) e na autora Martins (1998), no que se refere a importância do ensino de Artes na escola.

No subcapítulo, “Nem Mais, Nem Menos, Apenas Diferente”, apresento a minha narrativa de experiência, do que é cultura e cultura popular, contemplando a BNCC (2018), Certeau (2008), Laraia (2014) e Santos (1996).

Ao subcapítulo intitulado de “Quem foi Franklin Cascaes”, apresento esse fantástico artista que tanto contribui para catalogar e transformar em Arte a cultura popular de Santa Catarina, ampliando olhares sobre questões de Arte, ensino da Artes e de cultura, considerando, também, a fala das autoras Ferraz, Fusari (2009) e Laraia (2014).

No terceiro capítulo: O Diálogo com a Interdisciplinaridade no Ensino Médio, apresento as leis que garantem a educação brasileira, em especial as leis: Lei nº 9.394/1996 e Lei nº 13415/2017. Além dos artigos: art. 3º, art. 5º e art. 13. Com base em tais documentos, aponto a importância da metodologia nas aulas de Artes e o valor da cultura popular na construção social dos alunos, para esse diálogo trago a compreensão e as orientações da BNCC (2018) e CBTCem (2020), além dos os autores, Fazenda (2002) e Martins; Tourinho (2016).

O ensino de Artes é tema do quarto capítulo, em que as trilhas com o projeto “Lendas Urbanas”, apresento a estrutura da BNCC (2018), e as orientações sobre a valorização da cultura CBTCem (2020) para o ensino médio, além da relação entre interdisciplinaridade e as práticas com o projeto de extensão, com Fazenda (2002), Preve; Souza, Guimarães (2015) e Freire (2000).

No quinto capítulo: “O que dizem os alunos? Uma análise bruxólica”, faço a transcrição e análise dos áudios relacionando as falas com as orientações estabelecidas nos documentos formativos: BNCC (2018), CBTCem (2020), Fazenda (2002), Oliveira (2015), entre outros.

Com o título de conclusão, teremos o sexto capítulo, momento em que faço uma reflexão evidenciando o problema desta pesquisa, o percurso que fiz, contemplando diálogos com Morin (2015) e Fazenda (2002) sobre o principal papel da escola para a formação social dos alunos e uma possível mudança e revogação da Lei nº 13415/17 no ensino médio para 2024.

O projeto de pesquisa foi idealizado com base nas Leis nº 9.394/1996 e nº 13415/2017 e os resultados apresentados pelos alunos sobre o projeto de extensão que abordou a cultura popular de forma interdisciplinar, com Fazenda (2002), BNCC (2018) e Morin (2015).

2 CULTURA POPULAR E LENDAS URBANAS: ALGUMAS REFLEXÕES

É na escola que as crianças passam grande parte de seu tempo até completarem o ciclo escolar, que dura em média 12 anos. Sendo assim, para muitos alunos é o principal local de informação, além de seu contexto familiar, visto a diversidade cultural que existe na escola.

Percebendo a importância de vivenciar as lendas urbanas, encontro na Base Nacional Comum Curricular - BNCC as dez competências gerais que deverão ser alcançadas pelos alunos a fim de garantir o seu desenvolvimento, entre elas cito a competência de número um, ou seja:

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (Brasil, 2018, p. 9).

Dessa forma, vejo que a escola é um espaço de mediação, onde cabe ao professor planejar aulas que contemplem um repertório cultural que contribuam para que os alunos entendam as manifestações do seu contexto. Como futura professora, vou evidenciando esse lugar a partir do papel da Artes na educação.

A arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso e a esse saber (Martins, 1998, p. 13).

Por muitas vezes durante esses dois anos trabalhando como professora, reflito como ainda estamos vinculados a uma aula de Artes¹ voltada aos padrões clássicos pedagógicos, cadeiras enfileiradas, escolas sem laboratórios e um fazer apenas de reprodução mecânica, onde uma apostila deve ser seguida. Muitas vezes não contribuindo para uma aula de Artes onde os alunos consigam expressar suas vivências, estamos limitados ainda, por uma escola conservadora, cujo o intuito é apresentar bons resultados nas estatísticas, esquecendo que o seu principal papel

¹ Denominação Artes, conforme a resolução nº 1 de 31 de janeiro de 2006 do Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 1, de 31 de janeiro de 2006. Disponível em https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_rceb00106.pdf?query=Resolu%5Cu00e7%5Cu00e3o

deveria também formar seres livres, pensantes, críticos e autores de suas próprias vidas.

Para o francês Edgar Morin (2015), a escola está esquecendo sua principal missão que é ensinar a viver. Para ele, a escola:

Não fornece as defesas para se enfrentar as incertezas da existência, não fornece as defesas contra o erro, a ilusão, a cegueira. [...] não fornece os meios que permitem conhecer a si mesmo e compreender o próximo. Não fornece a preocupação, o questionamento, a reflexão sobre a boa vida ou o bem-viver. Ela não ensina a viver senão lacunariamente, falhando naquela que deveria ser sua missão essencial (Morin, 2015, p. 54).

Qual seria a missão essencial da escola? De que forma podemos estabelecer relações com o viver significativo, de forma plena, que traga reflexões para a vida? Não podemos isolar outras formas de saberes ou, até mesmo, outras curiosidades agregadas ao currículo escolar, é dever da escola mediar no sentido de provocar metamorfose, parafraseando Morin. O autor diz que: “Eu afirmaria que o ser humano só pode se autoproduzir e se auto manter se ele se autorregenerar” (Morin, 2015, p. 113).

Partindo dessa “auto regeneração”, segundo Morin, só seria possível se houvesse três reformas, “a reforma do conhecimento e do pensamento depende da reforma da educação que depende da reforma do conhecimento e do pensamento” (Morin, 2015, p. 182). A do conhecimento do erro, para traçar novas estratégias e práticas de ensino. A do pensamento, para religar contextos. E a reforma da educação, partindo esse das Universidades ensinarem seus futuros educadores a trabalharem de forma transdisciplinar. Sendo assim, a regeneração seria possível e não excluiria conteúdos, tão pouco classificaríamos com relação a uma cultura ser superior ou inferior à outra.

2.1 NEM MAIS, NEM MENOS, APENAS DIFERENTE

Carregamos conosco a cultura que nos cerca, enquanto a construímos. Cresci ouvindo lendas da minha região, lendas que fazem parte da tradição dos pampas gaúchos, nossos costumes, hábitos e crenças foram passados pelos meus pais. Ainda criança de colo, participava da roda de chimarrão com os adultos, que envolta do fogão a lenha contavam causos enquanto debulhavam milho. Quando

maiorzinha, montava a cavalo e saía campo a fora, em busca do tal “menino do pastoreio” das histórias que ouvia.

Figura 1- Semana Farroupilha década 1980



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Como proteção, não era muito raro ver toda a família recorrer às benzeduras de minha avó Maria. Para nós, observar minha avó com um copo de água e três carvões em brasa falando “se o carvão boiar tudo bem, se afundar você está com mau olhado”, não nos trazia espanto algum, era natural e faz parte das nossas crenças.

Aprendemos desde cedo a nos relacionarmos culturalmente com aquilo que nos é vivenciado. São culturas que se ampliam nas suas relações com tempo e lugares diferentes. Mas, afinal, o que é cultura?

O termo cultura, ainda nos dias atuais, pode conduzir-nos erroneamente a ideia de uma hierarquia, de que uma pessoa só tem cultura se for letrada, com conhecimento adquirido nos livros ou por outros lugares de apropriação acadêmica.

Cultura é todo o conhecimento compartilhado em uma sociedade, seja ela crenças, costumes, suas produções artísticas e tradições, que caracterizam uma sociedade, um grupo, valores e características compartilhadas de geração em geração.

Para Certeau (2008, p. 10) “cultura não é nem um tesouro a ser protegido dos danos do tempo, nem um conjunto de valores a ser defendido, é um trabalho

que deve ser realizado em toda a extensão da vida social.” Dessa forma, as aulas na contemporaneidade devem propiciar essa conexão com as diferentes formas de manifestações culturais, visto as modificações e transformações que ocorrem gradativamente ao longo dos tempos.

Na Base Nacional Comum Curricular (2018), orienta que cultura popular deve ser abordada em sala de aula, pois ela aproxima os alunos dos diferentes contextos sociais. Ou seja,

O trabalho com a Arte no Ensino Médio deve promover o entrelaçamento de culturas e saberes, possibilitando aos estudantes o acesso e a interação com as distintas manifestações culturais populares presentes na sua comunidade (Brasil, 2018, p. 483).

Abordar o tema da cultura popular nas aulas de Artes possibilita aos alunos refletirem criticamente às manifestações culturais que os cercam, entendendo sua importância e legitimação. Laraia (2014, p. 45) nos diz que: “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam”. Dessa forma, considero a importância de a aula de Artes elucidar essa experiência.

Explorando através das Artes, por exemplo, esse universo tão vasto da cultura popular catarinense. Santos (1996, p. 64), afirma que: “falar em cultura popular pode implicar uma ênfase no modo de ser e sentir que seja típico de uma população, que seja característico dela, que seja mesmo um patrimônio seu”.

O homem em sua totalidade, sempre se fez presente em grupo, interagindo e buscando significar a sua relação com os demais. Michel de Certeau (2008, p. 9), escreve que cultura “não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada uma marca aquilo que os outros lhe dão para viver e pensar”.

A aula de Artes, ao explorar a cultura popular, pode estreitar os vínculos entre aluno e professor, fazendo com que os alunos se interessem ainda mais pela aula, se identificando como pertencente e fazedor de cultura. A dimensão social das manifestações artísticas revela modos de perceber, sentir e articular significados e valores que orientam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade.

Para falar em cultura e cultura popular em Santa Catarina, não poderia deixar de citar a cultura da oralidade, as lendas, tema central de minhas inquietações e angústias. Florianópolis, conhecida por suas belas praias, também carrega consigo o apelido de Ilha da Magia, por trás de suas belas paisagens e um povo acolhedor, existe o fantástico mundo bruxólico de Cascaes.

2.2 QUEM FOI FRANKLIN CASCAES?

Figura 02- Eleição Bruxólica De Franklin Cascaes



Fonte: Livro O Fantástico na Ilha de Santa Catarina

O artista Franklin Joaquim Cascaes, nasceu no dia 16 de outubro de 1908 e faleceu no dia 15 de março de 1983. Natural da praia de Itaguaçu, iniciou sua carreira como mestre de modelagem no Liceu Industrial, tornando-se professor de desenho por quase 30 anos. Entre o período próximo a 1946, passou a catalogar a cultura local, suas histórias, lendas², rezas e costumes, tornando toda essa cultura

² O livro FANTÁSTICO NA ILHA DE SANTA CATARINA (2003), apresenta as lendas do artista Franklin Cascaes.

popular em obras de Arte, pois percebia as mudanças que a civilização passava. Seu convívio com diferentes pessoas da ilha, suas buscas por diferentes saberes, dialoga com o dizer de Ferraz e Fusari (2009, p. 19), ou seja:

Desse convívio decorrem, portanto, conhecimento que desenvolvem o seu repertório cultural, mas, acima de tudo, possibilitam-lhes a apropriação crítica da arte, aprender a identificar, respeitar e valorizar as produções artísticas, e compreender que existe uma poética individual dos autores e diferentes modalidades de arte, tanto eruditas como populares.

Cascaes foi um artista, professor e pesquisador muito importante não só para Florianópolis, mas para toda uma geração que viveu após suas escritas, suas lutas por immortalizar a cultura popular local, o que se propaga nos dias atuais na fundação que homenageia seu nome, Fundação Franklin Cascaes, em Florianópolis, SC.

Criada em 29 de julho de 1987 pela Lei nº 2647, a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes foi instituída com o propósito de fomentar uma ação cultural forte, autônoma e articulada com os setores turísticos, proporcionando maior autonomia às políticas públicas para a área da cultura em Florianópolis (Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2021).

O espaço é palco de encontro para as novas gerações conhecerem sobre a cultura popular, além de oportunizar um local de exposições para novos artistas, sempre visando contribuir com a Arte e cultura local. É justamente da compreensão que existem várias poéticas, que o ensino de Artes deve abordar a cultura popular em sala de aula, para valorizar as tradições regionais.

A partir dessa relação com o artista Franklin Cascaes e suas lendas, as aulas de Artes ao contemplar cultura popular poderá despertar a curiosidade de ampliação de repertório artístico, onde o aluno será capaz de compreender que a cultura popular e o campo da Arte se faz presente na sociedade em todos os tempos como Patrimônio Cultural³.

No Brasil, o marco legal para a política de patrimônio cultural imaterial é a Constituição Federal de 1988. No Artigo 216 o conceito de *patrimônio cultural* aparece estabelecido nas dimensões material e imaterial. Abarca tanto os sítios arqueológicos, obras arquitetônicas, urbanísticas e artísticas – bens de natureza material –, quanto celebrações e saberes da cultura popular, as festas, a religiosidade, a musicalidade e as danças, as comidas

³ VIANNA, Letícia C. R. Patrimônio Imaterial. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/85>

e bebidas, as artes e artesanatos, mitologias e narrativas, as línguas, a literatura oral – manifestações de natureza imaterial. (Vianna,2016).

Sendo justamente dessa relação de história, narrador e público que as lendas perpetuam por gerações, sempre acrescidas de novos fatos e personagens dependendo da sua época, pois a cultura é viva e se modifica a cada geração.

3 DIÁLOGO COM A INTERDISCIPLINARIDADE NO NOVO ENSINO MÉDIO

Figura 3- E.E.B Princesa Isabel: um encontro na UNESC



Fonte: Acervo da pesquisadora

O campo de pesquisa contempla um grupo de alunos do ensino médio, um trabalho que vem sendo desenvolvido em uma perspectiva interdisciplinar, a partir de um projeto envolvendo as trilhas no Novo Ensino Médio. A imagem 02 faz-se enquanto um registro de um dos encontros do grupo de alunos e professoras que fazem parte desta pesquisa, em um momento em que estão reunidos contando de suas experiências com o projeto Lendas Urbanas. Por isso, o título deste capítulo: diálogo com a interdisciplinaridade no Novo Ensino Médio. Mas, como falar de interdisciplinaridade e do novo ensino médio ao mesmo tempo? Quais os possíveis diálogos que podemos encontrar nesses territórios? Nosso percurso inicia pela compreensão da própria educação brasileira, a qual está vinculada a questões legais, ou seja: a educação brasileira tem seus direitos, regidos pela lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que em seu art. 3º, traz os princípios e os fins da Educação Nacional. Encontramos, aqui, o momento em que é estabelecido que Artes é um campo importante de expressão, afirmando, ainda, que os alunos devem ter a liberdade de aprender, da mesma forma pesquisar sobre a cultura.

O Novo Ensino Médio acontece a partir da alteração da LDB, ou seja, a Lei nº 13.415/2017. E passa a contar com o art. 5º, parágrafo V, que reconhece a diversidade brasileira, garantindo que a educação seja voltada à realidade do sujeito, da mesma forma que o ensino seja vinculado às necessidades regionais, levando em conta seus hábitos e costumes. Reforça a necessidade de uma

Formação Integral articulada aos projetos de vida dos (as) estudantes. Define que os currículos terão variados arranjos curriculares, formados por uma parte comum trazida pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC e outra flexível, alinhada aos contextos de cada território, denominada Itinerários Formativos, conforme consta no Currículo Base do Território Catarinense, caderno 3: Portfólio de Componentes Curriculares Eletivos (Santa Catarina, 2020c).

Com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (2018), o currículo escolar configura como o percurso formativo, para que cada estudante alcance as competências mínimas estabelecidas. A BNCC evidencia que as aulas de Artes no ensino médio devem ser significativas, abrangendo diversas manifestações e culturas populares.

O trabalho com a Arte no Ensino Médio deve promover o cruzamento de culturas e saberes, possibilitando aos estudantes o acesso e a interação com as distintas manifestações culturais populares presentes na sua comunidade. O mesmo deve ocorrer com outras manifestações presentes nos centros culturais, museus e outros espaços, de modo a garantir o exercício da crítica, da apreciação e da fruição de exposições, concertos, apresentações musicais e de dança, filmes, peças de teatro, poemas e obras literárias, entre outros (Brasil, 2018, p. 474).

O estado de Santa Catarina, além das leis que garantem a sistemática da educação, conta também com um currículo próprio, o Currículo Base do Território Catarinense, este documento abrange todas as etapas de ensino, dialogando com as orientações da Base Nacional Comum Curricular. No que se refere a esse documento para o ensino médio, o componente curricular das Artes encontra-se na área de linguagens e suas tecnologias, composto também por inglês, português, literatura e educação física.

É a partir dessa perspectiva de direitos que entendo que a interdisciplinaridade, apesar de já estar sendo discutida há bastante tempo, pode contribuir para um aprendizado mais sistematizado, que busque através de projetos contemplar assuntos que por alguma questão ficaram fora do currículo ou que exijam um aprofundamento maior. Por currículo entende-se, de acordo com as DCNEB, art. 13, como: [...] “Conjunto de valores e práticas que proporcionam a produção, a socialização de significados no espaço social e contribuem intensamente para a construção de identidades socioculturais dos educandos” (Brasil, 2010).

Se partirmos dessa premissa e analisarmos como a cultura popular é trabalhada, muitas vezes, apenas em datas comemorativas por algumas escolas, como dia do folclore, por exemplo, a cultura popular é vista como algo superficial. E esse currículo não agrega os saberes dos alunos, muito menos dialoga com o que diz tais documentos já mencionados.

Por outro lado, pensar a cultura popular a partir de uma proposta que contemple a interdisciplinaridade⁴, além de estreitar as relações entre os desiguais e trazer uma harmonia no convívio social entre diferentes vivências, contribui para a humanização dos alunos. Contribuindo para que eles possam contextualizar melhor temas históricos e percebam-se como seres sociais, em um mundo que está sempre em transformação.

Figura 4- Grupo de alunos produzindo personagens



Fonte: Acervo da pesquisadora

A professora de Artes acompanha os alunos nas suas produções sobre os personagens que representam as narrativas compartilhadas entre eles, a imagem 03 faz um recorte deste momento em que a troca de cultura é latente. Há múltiplas culturas que se entrecruzam com diferentes saberes, nessa costura, encontro em Martins e Tourinho (2016, p. 136), quando falam do papel da Arte na educação, nessa perspectiva um dizer que:

[...]conceituada como um processo educacional interdisciplinar comprometido em desenvolver empatia, aceitação, entendimento e relações

⁴ Interdisciplinaridade de acordo com Ivani Fazenda (2002), livro Dicionário em Construção. file:///C:/Users/maffi/Downloads/FAZENDA Ivani Interdisciplinaridade_Diciona.pdf

harmônicas entre pessoas de diferentes culturas e subculturas, surge com maior evidência no Brasil nos anos 90 (Martins; Tourinho, 2016, p. 136).

Nos anos 1990 já se pensava em uma discussão mais ampla, uma preocupação com essa formação mais integral dos sujeitos. A experiência com a interdisciplinaridade pode levar a uma observação mais crítica, mais conectada, permitindo que os alunos tenham uma visão de que as disciplinas apesar de isoladas no currículo, se conectam em um todo, e é justamente nessa concepção que ao abordar cultura popular poderá propiciar aos alunos um fazer artístico mais próximo de suas realidades, trazendo vivências já observadas em seus lares ou em suas localidades que, por muitas vezes, passa despercebido como cultura. Retomando a imagem 02 da página anterior, no primeiro plano encontramos duas pessoas em um ângulo que as revela quase de costas, a pessoa que encontra-se no centro da imagem é a professora de Letras e a que está ao seu lado é a professora de Artes, o que nos aponta a relação entre duas áreas na condução deste trabalho.

A interdisciplinaridade coloca em prática a pesquisa e ação, estabelecendo a integração de conceitos de diferentes disciplinas em uma única análise ou pesquisa.

O professor interdisciplinar visita situações novas e revisita velhas, transita entre os fragmentos da história e a memória educacional, faz elos, tece sua prática a cada dia. Ele se faz ponte, oferece ao educando acesso ao conhecer, permite que ele passe para um estado mais elevado de ser; para além do que é, superando-se. Propicia o encontro do outro, não só com o conhecimento, mas consigo mesmo, o encontrar-se. Precisamos do outro para sabermos de nós mesmos. Compete ao educador fornecer instrumentos ao aluno, construir seu caminho para o aprender e para a vida, tornando-o mais consciente das suas potencialidades e dos limites a serem enfrentados e superados. (Fazenda, 2002, p. 77).

Em síntese, as aulas de Artes ao abordar cultura popular contribuem não só para os alunos compreenderem o que estão aprendendo se aplica ao mundo real como estabelece laços com sua vida cotidiana, fortalecendo para uma educação integral como ser humano.

4 O ENSINO DA ARTE E AS TRILHAS COM O PROJETO LENDAS URBANAS

Figura 5- Alinhavando a Interdisciplinaridade



Fonte: Acervo da Pesquisadora

A BNCC (2018) assegura que os alunos do ensino médio podem optar por qual eixo eletivo que desejam percorrer, estabelecido também no caderno de número um do Currículo Base do Território Catarinense, que diz:

[...] parágrafo 2º do artigo 12 das DCNem estabelece, ou seja, que os itinerários formativos se organizam a partir de quatro eixos estruturantes: investigação científica; processos criativos; mediação e intervenção sociocultural e empreendedorismo (DCNem, 2020, p. 27).

O eixo: mediação e intervenção sociocultural, conta com a trilha de aprofundamento chamada de produção cultural. Nessa trilha espera-se que os professores de Artes sejam capazes de propiciar práticas pedagógicas com base no respeito mútuo e inclusão, tendo como tema a diversidade cultural.

Artes, no eixo de trilhas de aprofundamento deve ser articulado em disciplinas ou, até mesmo, que este aprofundamento aconteça entre a comunidade, em forma de projetos que dialoguem e contribuam para um aprendizado mais significativo e sistematizado. Quando na imagem 04, o título contemplado é “alinhavando a interdisciplinaridade”, as áreas se misturam e as apresentações dos alunos se vestem de Arte e de literatura entre um ir e vir que, neste momento, não interessa mais a sua fragmentação. Esta imagem (04) registra um dos encontros que aconteceu na Universidade.

Para Preve, Souza e Guimarães (2015), a Universidade do Extremo Sul Catarinense é uma universidade comunitária e tem como missão promover uma educação conectada à sociedade, contribuindo não só para uma educação de qualidade, mas também para as transformações sociais onde atuam.

Figura 6- Atenção às Lendas Urbanas



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Para compreender essa relação entre escola e o projeto de extensão siga o raciocínio no que diz os objetivos do projeto que é de promover a valorização da cultura popular dentro e fora da escola, e as orientações do caderno três da CBTCem (Santa Catarina, 2020c, p. 167), que orienta as seguintes metodologias:

- a) conhecer o que se escreve sobre diversidade cultural e políticas culturais;
- b) investigar a realidade;
- c) analisar a realidade;
- d) criar a partir das linguagens;
- e) planejar um percurso de produção cultural;
- f) aplicar na comunidade e
- g) avaliar.

Espera-se que no final do percurso formativo os alunos através de um aprofundamento teórico eles sejam capazes de investigar e compreender a diversidade cultural como uma construção social da humanidade e a partir dessas vivências tenham protagonismo para promover cultura nas suas localidades das mais variadas linguagens.

No encontro realizado no dia 28 de agosto na UNESC, no qual pude acompanhar e perceber a importância destes projetos de extensão em específico, a

cultura popular foi tema de todas as atividades realizadas naquele dia, mediadas pelos bolsistas e professores do projeto.

Além de conceitos sobre cultura, leis e artistas catarinenses já estudados em sala de aula, o ensino das Artes dentro das vivências da extensão possibilitou aos alunos caminharem pelas linguagens da Arte através de “Oficinas de Fuxico; Confecção de Bonecos de Sombra” e “Teatro de Sombras” elaborados a partir das lendas regionais e apreciação cultural do boi de mamão. Esse percurso contemplou a literatura enquanto trazia narrativas pesquisadas pelos próprios alunos, no registro de lendas urbanas.

Figura 7- Teatro de sombra



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Um sorriso radiante, estampado na imagem 06 nos aponta o envolvimento de alunos que enquanto contam de suas histórias, trocam olhares de quem amplia saberes sobre diferentes narrativas trazidas como resultado de um trabalho que vem sendo desenvolvido cuidadosamente e repleto de muito envolvimento, o que me ateno a contar mais adiante a partir das entrevistas por eles cedidas.

A cultura popular na visão da professora de Artes entrevistada:

é assunto muito importante, aqui vale ressaltar que o boi de mamão no espaço escolar de Morro da Fumaça - cidade onde está localizada a escola destes alunos -, foi por muitos anos, referência nas festas locais, mas infelizmente, com os danos do tempo as peças se perderam, tornando-se hoje a principal reivindicação dos moradores.

A partir da fala da professora, compreendemos o que diz, Ivani Fazenda (2002, p. 14), ao se referir que: “Conhecer o lugar de onde se fala é condição

fundamental para quem necessita investigar como proceder ou desenvolver uma atitude interdisciplinar na prática cotidiana”.

A cultura popular abordada de forma interdisciplinar possibilitou aos alunos experimentarem e apreciarem trabalhos manuais como o fuxico, exaltando ser esse um momento social feminino em uma época que muitas coisas não eram permitidas às mulheres, cabendo a elas o cuidado da casa e criação dos filhos. Todos realizaram a atividade, aprendendo a “fuxicar”:

Figura 8- Produzindo fuxicos



Fonte: Acervo da Pesquisadora

São esses cruzamentos na história entre passado e presente, o ver e o fazer, que possibilitam aos alunos compreender a importância de se abordar cultura nas aulas de artes para uma sociedade mais justa.

Atribuo ao projeto Cultura popular e lendas urbanas, uma fala de Fazenda (2002, p. 15), ao afirmar que: “A trilha interdisciplinar caminha do ator ao autor de uma história vivida [...]”

Nesse raciocínio de que para uma grande interpretação em cena, o ator degusta a obra, a experiência aqui pode ser vista como um grande palco para o espetáculo da vida. Vou percorrendo esse espetáculo, ouvindo atentamente ao show, observando cada expressão. A contação das lendas apresentadas no teatro de sombra representa a tradição oral de cada região de Santa Catarina. As lendas apresentadas são histórias que circulam em ambientes e são compartilhadas por gerações.

Se tudo que caracteriza um povo é cultura, através das lendas o projeto contemplou não só o artista Franklin Cascaes, como caminhou por tudo que se propôs.

5 O QUE DIZEM OS ALUNOS? UMA ANÁLISE BRUXÓLICA

Comprometida com os fins de pesquisa acadêmica, optei por conduzir as entrevistas com os alunos da E.E.B. Princesa Isabel para um bate-papo menos formal com base nos relatos dos estudantes. Levando em conta serem jovens com menos de 18 anos, apesar de todos os trâmites legais já assinados, opto pela preservação de suas identidades, no qual chamarei por nomes fictícios. A pesquisa envolveu 8 alunos, sendo 4 meninas e 4 meninos, além das duas professoras que estão trabalhando de forma interdisciplinar a cultura popular na escola.

Início meu diálogo com os alunos, onde procuro saber se já tinham noção do que era cultura. Dos oito alunos entrevistados, todos se referem à cultura como sendo a “história e a tradição de um povo”. Gabriel Salienta que “até tinha uma noção do que era cultura popular”, mas “depois do aprofundamento do conteúdo nas trilhas em sala de aula, consegui observar e relacionar bem mais”.

De acordo com caderno 3 do CBTCem no que diz respeito às trilhas, a fala de Gabriel comunga com o objetivo do documento que afirma:

O objetivo desta unidade é propor ao sujeito conhecer a realidade do meio em que está inserido, sua origem cultural, seus problemas, suas potencialidades, para compreender seu lugar neste espaço e sentir-se parte dele, desenvolvendo um pensamento crítico que fundamente seu interesse em exercer uma cidadania ativa (Santa Catarina, 2020c, p. 170).

Eduarda relata que “eu não tinha noção de cultura e nunca tinha visto uma apresentação do boi de mamão”, nesta fala percebo a importância do projeto, uma vez que a manifestação cultural do boi de mamão é um capital artístico cultural importante na região e que se não for compartilhado com as novas gerações, certamente irá se perdendo com o tempo.

Através dos relatos, é possível compreender a importância da cultura popular ser abordada nas aulas de Artes, pois a escola além de ser um lugar de convívio social de múltiplas culturas tem como missão uma educação integral, garantindo liberdade de conhecimento.

Questiono como foi trabalhar cultura popular de forma interdisciplinar?

Aline lembra que “quando começou a trilha de aprofundamento, acharam difícil, mas aos poucos foram se acostumando”.

Para Daiane, Bruna e Eduarda: “a conexão entre as disciplinas está colaborando para um aprendizado mais divertido”, as alunas afirmam que “o projeto escolar torna as aulas muito mais interessantes e mais fáceis de entender”.

João e Bruno ao se referirem às aulas de forma interdisciplinar, dizem que os conteúdos se conectam que “não é um monte de coisa jogada, que tudo tem uma relação na história”. Antes, a cultura “era trabalhada só nas festas juninas, tanto que não sabia que apresentação do boi de mamão era cultura, achava que era um espetáculo teatral”.

De acordo com a BNCC: “Arte no Ensino Médio deve promover o entrelaçamento de culturas e saberes, possibilitando aos estudantes o acesso e a interação com as distintas manifestações culturais populares presentes na sua comunidade” (Brasil, 2018, p. 483). Davi e Gabriel dizem que: “abordagem da cultura popular de forma interdisciplinar resgatou não só a história dos antepassados, mas principalmente “a cultura da escola”, referindo-se à formação do grupo cultural de boi de mamão com a ajuda do projeto de extensão da Unesc.

Muitos assuntos vão se cruzando entre um diálogo e outro, vou descobrindo a potencialidade de um currículo aberto à prática interdisciplinar e significativo para o aprendizado, o que para Ivani Fazenda (2002, p. 70):

Mais do que grandes inovações, mudar é construir um trabalho coerente com a realidade e as necessidades dos alunos, numa época marcada por grandes contradições, de apelo ao uso de novas e sofisticadas tecnologias. A mudança pode ter início em situações mais simples, nem por isso menos importantes.

É nessa simplicidade que vou costurando o diálogo, buscando ampliar olhares sobre uma realidade que pode auxiliar na compreensão, cada vez maior, sobre a importância de olharmos para nossos territórios, nossas histórias e, então, nos fazermos pertencentes a um lugar e parte de um processo cultural do qual ajudamos a construir. Nessa direção, pergunto sobre as lendas, problema central das minhas inquietações.

Os alunos relatam que conheceram primeiro o artista Franklin Cascaes, tiveram contato com os textos e acharam a leitura das lendas bem difícil. Acredito que o comentário deles foi por se tratar de uma leitura de outra época, onde os

textos resguardam a fala peculiar da região de Florianópolis, e o autor procurou preservar justamente para que as próximas gerações pudessem ter acesso.

Bruno diz que os desenhos de Cascais são muito diferentes, “pois ele criou uma Arte com base no que ouvia, bem diferente das bruxas da cultura inglesa”, confesso que esse aluno em especial me chamou muita atenção por contextualizar sua resposta, dizendo que as bruxas inglesas sempre são representadas por mulheres feias, de chapéu e com verruga no nariz.

Os alunos demonstraram que abordar as lendas foi uma ótima estratégia para trabalhar a cultura popular. Durante seus relatos, alguns ficam tão entusiasmados que se oferecem a compartilhar suas pesquisas em torno das lendas regionais.

O Currículo Base do Território Catarinense (Santa Catarina, 2020c, p. 164), afirma que o “objetivo do processo de ensino-aprendizagem é aprofundar o conhecimento e desenvolver o pensamento complexo, num movimento que propicie o protagonismo do estudante”. Para Davi, um aluno que apesar de não ser natural de Santa Catarina apresenta um dizer sobre essa cultura que vai aprendendo no ampliar conhecimentos a partir de sua pesquisa e nos conta que: “Caipora é uma mulher parecida com o Curupira, com cabelo cor de fogo que pega quem maltrata os animais”. Confesso que essa eu mesma, que venho buscando saber mais e melhor sobre essas questões, ainda não tinha conhecimento. Uma outra aluna, de nome fictício Daiane, conta que:

No dia 29, uma família foi surpreendida por um mendigo que bateu a porta pedindo para jantar. Eles aceitaram, receberam o homem junto a mesa, onde cada prato tinha 7 nhoques, quando o mendigo foi embora, para a surpresa de todos havia dinheiro embaixo do prato. Por isso a lenda de comer 7 nhoques todo dia 29 para prosperar.

Gabriel fala sobre a lenda dos mineiros de Siderópolis - SC, mas diferente dos outros não faz a narrativa, argumenta que “naquela época, as pessoas morriam pela contaminação do minério e por falta de equipamentos de proteção, relacionando com superstições e bruxaria”.

Os professores de Artes podem instigar experiências significativas com práticas que despertem interesse nos alunos. Aline conta que ficou surpresa em descobrir outras possibilidades existentes nas aulas de Artes “além de pintura e

dobradura”. Encontro no caderno 3 do (CBTCem) um dizer que inspira esses questionamentos na direção do protagonismo dos estudantes, uma vez que:

Destaca-se que a organização da proposta segue a lógica do ensino desenvolvimental. Nas trilhas, porém, a ordem de tais ações podem ser flexível. O objetivo do processo de ensino-aprendizagem é aprofundar o conhecimento e desenvolver o pensamento complexo, num movimento que propicie o protagonismo do estudante (Santa Catarina, 2020c, p.164).

A estudante Eduarda relata que achou “a Arte catarinense diferente”. Para melhor compreender sua resposta, pergunto se prefere a Arte clássica que encontra nos livros, ou cultura popular? A estudante responde que “a Arte popular chamou mais sua atenção”, percebo que o diferente na fala dela foi a forma de dizer que gostou. Para João:

conhecer as lendas foi muito interessante, para ele “antigamente as pessoas eram muito inocentes, sem maldades, e a religião era muito forte e determinante, por isso o medo que os antigos tinham de ter o 7º filho, referindo-se a lenda do filho nascer lobisomem.

Durante a conversa conto que minha avó era benzedeira, então João sorri e diz, você é uma bruxa? Respondo dizendo e rindo com ele, acho que sim. Novamente me dirijo a João e pergunto qual lenda mais gostou? João, conta que “gostou muito da lenda das pedras”, referindo-se à lenda da praia de Itaguaçu - SC.

Diz a lenda que um belo dia as bruxas resolveram fazer uma grande festa, entre os convidados estavam várias bruxas da região, o saci, a mula sem cabeça e muitos outros. Porém para aquele grande encontro não convidaram o diabo devido ao seu cheiro forte de enxofre. Naquela noite quando o tihoso ficou sabendo, apareceu furioso por não ter sido convidado, transformando em pedra todos que ali estavam.

As histórias ouvidas e narradas tecem redes que nos ligam, uns aos outros, afetiva e cognitivamente, revelando cheiros, cores, sons, sabores dos lugares e tempos vividos. Ouvir e narrar, escrever e ler histórias é, portanto, um movimento que não cessa nunca, se reinventa sempre (Oliveira, 2015, p.127).

Em alguns momentos me pego fascinada com as falas dos alunos, percebo o quanto a cultura popular pode encantar a educação, incentivando a

curiosidade, criatividade e protagonismo dos alunos, objetivos esses que se apresentam nos documentos formativos do ensino médio.

Para melhor avaliar todo esse processo de aprendizagem vivenciado por eles, pergunto se acham importante a escola trabalhar cultura popular. Por alegria desta pesquisadora, todos alunos dizem que sim. Como na fala de João que afirma que trabalhar cultura popular “é importante porque as novas gerações desconhecem o passado”. Para Davi, quem complementa a fala de João, quando vai afirmando que “por não ser natural de Santa Catarina, conheceu a história da cultura popular da região dentro da sala de aula”.

Finalizando a entrevista com os alunos questiono sobre o projeto de extensão e o encontro do dia 28 agosto na Unesc, percebo que a saída de campo foi muito bem apreciada por todos. Tentando ser mais específica, perguntado o que mais gostaram? A resposta foi “tudo”. Apesar das respostas curtas e objetivas, os alunos demonstravam-se encantados com as atividades proporcionadas pelo projeto de extensão naquele encontro.

Para João: “estudar na Unesc se tornou seu maior objetivo após terminar o ensino médio”, enfatiza dizendo “foi um dia de muito aprendizado, todos os professores pareciam de um conhecimento absurdo, que encantava a gente, espero um dia estar ali como professor recebendo uma escola”. Aqui podemos avaliar a importância que o projeto de extensão tem para a formação de futuros acadêmicos e a transformação na sociedade.

Ao conversar com as professoras Neusa, de Língua Portuguesa, e Melânia, de Artes, senti o mesmo entusiasmo ao falarem do projeto do resgate da cultura do boi de mamão e das lendas. Elas contam que “no início do ano durante a parada pedagógica decidiram trabalhar esse conteúdo de forma interdisciplinar, pois consideram que é um assunto importante, que deve ser aprofundado”.

Neusa diz que “a comunidade cobra da escola a formação de um novo grupo cultural, porque as novas gerações de estudantes que estão chegando na escola não conhecem sua própria cultura”. Melânia afirma que:

hoje em dia as crianças não vivenciam as lendas, as crenças e as tradições, elas não têm medo de nada. No início quando começamos abordar o assunto da cultura popular os alunos achavam graça, riam e depois começaram a relacionar nossas falas com fatos que alguém da família contava

As professoras consideram que a interdisciplinaridade agregou muito para o aprendizado dos alunos e essa parceria entre escola e a Unesc está sendo essencial. O que comunga com o que encontro na BNCC:

Contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas (Brasil, 2018, p.16).

Melania, argumenta com orgulho que: “estamos plantando sementinhas”, referindo-se à oportunidade de os alunos participarem do projeto de pesquisa e extensão da Unesc ainda tão jovens.

Pergunto, se é o primeiro projeto que elas participam na escola de forma interdisciplinar. Elas contam que não, pois “a escola sempre oportuniza trabalhar em formato de projetos, e que ambas têm uma abertura muito grande junto à direção escolar.

Neusa diz que após a pandemia tudo mudou “o currículo mudou, estamos vivendo em outra geração, novos tempos, nossos alunos não se satisfazem mais com o livro e o velho caderno, e os projetos oportunizam um aprendizado diferente”.

Para Ivani Fazenda (2002, p. 71) “mudar representa assumir um grande desafio: tornar a educação menos tímida, mais arrojada, menos apegada às tradições de uma escola fria, triste, sem cores, sem luz e distante da afetividade”.

Pergunto como elas analisam a participação e o engajamento dos alunos com o projeto. Ambas relatam que está sendo

maravilhoso pesquisar, resgatar as lendas, os alunos estão muito entusiasmados, aceitaram a proposta e estão fazendo grandes pesquisas na região, entre as descobertas os alunos encontraram uma senhora que é protagonista viva da lenda do Saci na região.

Nesse sentido, importa transcrever a seguinte colocação:

Ser interdisciplinar não permite atitudes de incoerência que se caracterizam pelo aniquilamento de alguns dos atributos da interdisciplinaridade que são “a afetividade, o respeito e a humildade, que impelem às trocas inter-subjetivas e parcerias (Fazenda, 2002, p. 37).

A afirmação de Neusa vai ampliando algumas certezas nesse percurso, quando a mesma diz que depois de 12 anos sem festa junina na escola, em 2024 a

programação é fazer “uma linda festa e estreiar o nosso grupo do boi de mamão repaginado com novos personagens, agora vai ter até um Saci”. Ela conta que “está sendo desafiador resgatar as lendas do passado, não é uma tarefa nada fácil, mas nossos alunos estão de parabéns”.

Para finalizar, pergunto sobre a importância do projeto de extensão “Lendas Urbanas: Cultura Popular na Sala de Aula”. As professoras dizem que a parceria com o projeto de extensão “está sendo fundamental para o suporte e a compreensão dos documentos normativos e práticos nas oficinas”.

6 CONCLUSÃO

Com intuito de saciar minhas indagações, iniciei esta jornada justamente pela saída de campo, momento que se tornou essencial para compreender a fala de Morin (2015), quando menciona a importância de a educação preparar os alunos para as diversidades do mundo ensinando-os a viver. Ao longo desse processo de pesquisa desenvolvido para o trabalho de conclusão de curso, muitas coisas foram se entrelaçando a respeito da importância da escola na construção social dos alunos, onde sua missão, antes de mais nada, deva ser dirigida a humanização, ensinando crianças e adolescentes a conviverem em paz, contribuindo para uma sociedade mais justa onde a cultura de cada um não seja motivo de exclusão ou conflitos e sim respeitada.

Ao participar das oficinas propiciadas pelo projeto de extensão, percebi a cada olhar como é enriquecedor uma escola que não seja excludente, que não carregue em si proibições de cunho religioso ao seu currículo e promova cultura sem restrição como as lendas pesquisadas que encantaram a todos: alunos, professores e acadêmicos, no exercício de partilha que foi conquistando mais e mais, cada um que ali participava.

Foi estonteante perceber como a interdisciplinaridade torna-se eficaz para o conhecimento e aprendizagem, quando os professores estão dispostos a trabalharem atrelados lado a lado e comprometidos uns com os outros. Fazenda, sobre o trabalho interdisciplinar, nos diz que:

Nesse movimento, cada avanço assume uma dimensão de vitória e consolida um processo que ganha forças e se amplia: a mudança se faz num permanente construir, que possibilita, aos poucos, ultrapassar o imutável e o rígido. Na superação das contradições, dos insucessos, dos erros arduamente assumidos, procurando o sentido do FAZER, torna-se possível perceber os verdadeiros indicativos de mudança! (Fazenda, 2002, p. 72).

Confesso que a cada narrativa para concluir esse percurso investigativo, despertava em mim o desejo de ir mais além, como se a cada vivência experimentada estivesse afirmando que estava certa nas questões que se referem a esse TCC e estava procurando justificativas que me possibilite incorporá-lo em sala de aula.

Apesar das novas discussões sobre a estruturação do ensino médio e possíveis mudanças parciais na Lei nº 13.415/17, conforme Mansur (2023), comunicadas em outubro de 2023, espero que essa pesquisa possa contribuir para uma melhor compreensão de tais documentos.

Para se chegar à coerência é preciso se conhecer e conceder-se a capacidade de mudar, estar aberto ao outro, aos outros, numa osmose singular, pois coerência não significa que as ideias são imutáveis. Faz-se necessário permitir-se permitindo, num processo de espera vigiada constante, enriquecido pelo olhar de amor intencional, que se exprime, que reconhece e é reconhecido [...] (Fazenda, 2002, p. 37).

E que a cultura popular, as lendas e o projeto interdisciplinar apontado pelos próprios alunos como sendo um grande difusor de aprendizagem sirva de espelho para outras escolas se desvencilhar da velha prática pedagógica ou de proibições, apostando nos projetos que visam uma educação mais conectada, onde os alunos consigam relacionar essa ligação nas suas vidas.

Concluindo, dentro do tema: Cultura Popular e Lendas Urbanas, acredito ter caminhado na direção de responder ao problema de pesquisa: O que dizem os alunos do Ensino Médio da Escola E.E.B Princesa Isabel sobre o Projeto de extensão chamado Lendas Urbanas e se esse dizer contempla os direitos de aprendizagem trazidos pelos documentos que norteiam a educação brasileira. Será que respondi? Talvez não tenha trazido uma única resposta e algumas delas poderiam ser de outra forma ou mais ampliadas, sempre ficando algo por dizer. Mas encerro por aqui acreditando ter atendido ao desafio aqui assumido, acrescento ainda o Projeto de Curso que se faz como exigência deste trabalho de conclusão de curso, na sequência desta conclusão.

Por fim, deixo aqui registrado todo o meu encantamento por essas questões, a qual em muitos momentos levou-me ao devaneio.

Diz a lenda, que na cidade de Criciúma
Existe uma grande academia de bruxaria.

Lá, toda aprendiz de bruxa
por 4 anos aprende os mais diversos feitiços e encantamentos.

No final de seu percurso, a bruxinha aprendiz,
apresenta seu trabalho de conclusão para os bruxos guardiões.

Esses bruxos dotados de uma extrema sabedoria,

avaliam a evolução dos aprendizes,
caso sejam aprovados, recebem como recompensa uma varinha mágica
e um certificado de conclusão que possibilita a passagem para outros aprendizados.

Mas se desapontarem os grandes mestres,
os alunos são reprovados e transformados em pombos,
voando aprisionados pelo resto de suas vidas
entre os corredores da academia bruxólica.

(Dionara Maffioletti, 2023).

7 PROPOSTA DE CURSO: PROJETO INTERDISCIPLINAR

Título: Cultura Popular e o Município de Sangão

Ementa: Cultura Popular e as Lendas.

Documentos norteadores e a prática.

Carga horária: 20h/a

Público alvo: Professores em atuação nas escolas públicas do município de Sangão

Justificativa:

Com base nas dificuldades encontradas para abordar cultura popular em sala de aula no município de Sangão, proponho desenvolver um projeto que vise uma formação para os docentes, que propicie a compreensão da importância da cultura popular ser passada de geração a geração com base nos documentos normativos, leis e autores que abordam o tema Cultura.

Este projeto conecta-se aos resultados da pesquisa de campo, onde as falas dos entrevistados mostram a importância de projetos interdisciplinares abordarem a cultura popular para ampliação do repertório artístico, cultural e na formação social do sujeito com base nas obras de cerâmica do artista Franklin Cascaes.

Conforme a BNCC (2018, p.193), a Artes no ensino fundamental é “O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, [...]. Percebo ainda a potencialidade da cidade de Sangão-SC para confecção de artefatos cerâmicos, visto que em seu solo, extrai-se a principal matéria-prima que é a argila, tornando essencial que os estudantes conheçam não só sua própria cultura como as potencialidades locais para a produção de réplicas de boi de mamão ou outros artefatos culturais gerando futuramente uma possível economia local.

Morin (2015, p. 124) nos diz: “A etapa do ensino médio deveria ser a etapa da junção dos conhecimentos, da fecundação da cultura geral, do reencontro entre a cultura das humanidades [...]”

Justifico que para acontecer tal reencontro mencionado pelo professor Morin é necessário que a partir das primeiras fases e anos escolares os professores em especial de Artes, propiciem aos alunos o conhecimento de sua própria cultura.

Objetivo Geral:

a) Proporcionar aos docentes de Sangão reflexões sobre a Cultura popular e os documentos normativos da educação brasileira.

Objetivos Específicos:

a) Ampliar o olhar sobre as práticas pedagógicas considerando a Cultura Popular;

b) Conhecer e compreender os documentos norteadores que acentuam a importância do ensino contemplar a Cultura Popular;

c) Discutir teoricamente sobre diversos autores que abordam o tema Cultura Popular na sala de aula a partir de um olhar para o projeto de extensão Lendas Urbanas - Unesc e as obras do artista Franklin Cascaes

Metodologia

A proposta do projeto deverá acontecer no período noturno, tendo em vista que os professores participantes atuam no período matutino e vespertino.

a) Primeiro encontro: Para iniciar o diálogo vou fazendo um sucinto questionamento sobre como era a infância dos participantes, de que modo brincavam, quem brincava com a argila das olarias, e que lembranças ainda guardam das histórias que lhes contavam. Após a socialização iniciarei explicando o que é cultura e justificando a sua abordagem com Roque Laraia (2014), apontando as leis que regem a educação sobre essa temática.

b) Segundo encontro: Nesse encontro abordaremos os documentos Base Nacional Comum Curricular (2018), CTBCem (2020) e DCNEB (2010) para uma melhor compreensão de tais orientações sobre o papel da escola na construção social do indivíduo e a garantia da cultura popular ser tema de estudo com base nas Leis 9394/1996 e a lei 13415/2017.

Para finalizar esse encontro, apreciação do boi de mamão de Jaguaruna,.

c) Terceiro encontro: Abordaremos a importância dos projetos interdisciplinares na escola com a autora Ivani Fazenda (2002), e demonstração de exemplos de projetos interdisciplinares, em especial o projeto de extensão Lendas Urbanas, para sintetizar a positividade dessa abordagem. Para esse encontro teremos um momento para que em duplas ou trios, os professores iniciem um planejamento de possíveis projetos para serem aplicados em suas escolas, e que essa atividade seja apresentada estruturada no próximo encontro. O ideal para esse encontro é que os professores tenham acesso a lugares com mesas, computadores e internet disponível para pesquisas.

d) Quarto encontro: Para finalizar teremos a socialização dos possíveis projetos a serem aplicados nas escolas.

ENCONTROS	HORÁRIO	CARGA HORÁRI A	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE
1°	Das 18 às 22h	4h	Em nosso primeiro encontro faremos uma reflexão sobre o que é cultura e a importância da cultura popular ser abordada em sala de aula.
2°	Das 18 às 22h	4h	Estudo dos documentos que regem a educação brasileira
3°	Das 18 às 22h	4h	Análise sobre a importância dos projetos interdisciplinares e início de possíveis projetos a serem desenvolvidos em escolas da cidade com base nas obras de Franklin Cascaes.

ENCONTROS	HORÁRIO	CARGA HORÁRIA	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE
4º	Das 18 às 22h	4h	Socialização de projetos.

Infraestrutura e materiais necessários:

Será necessário para as palestras o uso de projetor para apresentação de slides, caixas de som e microfones para ampliação de voz, e que o local seja de fácil acesso. Da mesma forma, as instalações contemplam mesas, cadeiras, computadores e internet para 30 professores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 13 ago. 2023.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei n.º 13.415, de 13 de fevereiro de 2017**, altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm>. Acesso em: 13 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010**. Disponível em: <https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECEBN320>. Acesso em: 29 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 1, de 31 DE JANEIRO DE 2006**. Altera a alínea “b” do inciso IV do artigo 3º da Resolução CNE/CEB nº 2/98 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Disponível em: <http://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_rceb00106.pdf?query=Resolu%5Cu00e7%5Cu00e3o>. Acesso em: 20 out. 2023

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução Nº 3, de 21 de Novembro de 2018**. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC/SEB. 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2018-pdf/102481-rceb003-18/file>>. Acesso em: 07 set. 2023.

Fundação Cultural de Florianópolis, **Franklin Cascaes**, 2021. Disponível em: <<https://www.fundacaofranklincascaes.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 14 set. 2023.

CASCAES, Franklin,. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. 5. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2003. v.1

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 5 ed. São Paulo: Papyrus, 2008.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte**: fundamentos e preposições. 2 ed. São Paulo: Ed. Rev, 2009.

FLORES, M. B. R. Franklin Joaquim Cascaes: Do desejo de saber à representação do ser. **Sæculum – Revista de História**, [S. l.], v. 26, n. 44 (jan./jun.), p. 10–29, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2021v26n44.55829. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/55829>. Acesso em: 27 nov. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **COMO ELABORAR PROJETO DE PESQUISA**. SÃO PAULO: ATLAS, 2002.

GONSALVES, Elisa. Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alinea, 2001.

LARAIA, Roque De Barros. **Cultura**: Um conceito antropológico. 26 ed. RIO De Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

MANSUR, Gabriel. **Lula encaminha ao congresso projeto de lei que muda o novo ensino médio**. Jornal do Brasil. Disponível em <<https://www.jb.com.br/brasil/educacao/2023/10/1046860-lula-encaminha-ao-congresso-projeto-de-lei-que-muda-o-novo-ensino-medio.html>>. Acesso em: 28 out. 2023.

MARTINS, M. C. F. D. et. al. **Didática do ensino da arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir, conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Cultura das imagens**: desafio para a arte e para a educação. Santa Maria: Ufsm, 2016.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza; DESLENDES, Suely; NETO, Otávio; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Meridional, 2015.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). **Arte, educação e cultura**. 2 ed. Santa Maria: Ed. UFSM, 2015.

PRÉVE, Daniel Ribeiro; SOUZA, Ismael Francisco de; GUIMARÃES, Milla Lúcia Ferreira (org.). **Práticas e saberes de extensão**. v. 2. Curitiba: Multideia, 2015.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Nova Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Gerência de Educação do Ensino Médio e Profissional. **Currículo Base do Ensino Médio do Território**

Catarinense: caderno 1 - disposições gerais. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2020.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Gerência de Educação do Ensino Médio e Profissional. **Currículo Base do Ensino Médio do Território Catarinense:** caderno 3 - portfólio de trilhas de aprofundamento. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2020.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura.** Coleção Primeiros Passos. 16 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

VIANNA, Leticia C. R. **Patrimônio Imaterial.** In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.* 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete).

ANEXO

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA HUMANIDADES CIÊNCIA E EDUCAÇÃO - HCE
CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO / LICENCIATURA

AUTORIZAÇÃO

Eu....., responsável pelo aluno, autorizo sua participação na pesquisa trabalho de conclusão de curso do Curso de Artes Visuais Unesc. Autorizo assim, a acadêmica Dionara da Silva Maffioletti, orientanda da Professora/Pesquisadora Silemar Maria de Medeiros da Silva a usar as falas proferidas pelo aluno acima citado, assim como suas imagens, desenhos e escritas para uso da pesquisa que trata do tema **CULTURA POPULAR E LENDAS URBANAS**. Certo de que o nome do aluno não será citado.

Atenciosamente,

_____ Nome sugerido: _____
Assinatura do aluno

Assinatura do responsável

Criciúma, de agosto de 2023.